



AVOZ ROUCA

que não se cala

SP, #22 @avozrouca
novembro/23

Crônica de um burnout anunciado

Pensei em começar este texto com a frase: O burnout é logo ali na esquina. Mas ele não é. A gente ruma para o trabalho geralmente pelo mesmo caminho e ele não fica na esquina, não. O burnout é esse buraco bem em frente aos seus pés. Essa cratera que se abre na calçada em que você anda todo santo dia e de repente: pimba, caiu.

Dia desses, no RH, me contaram uma mentira com uma naturalidade tão grande que eu mal pude acreditar que aquela cena estava realmente acontecendo, foi bem assim, na minha cara mesmo. O buraco vai crescendo com a rapidez das britadeiras. No outro, desmentiram todas as minhas ações em sala de aula, e eu considerei ter realmente enlouquecido. A gente, criado como é, vai dando nome aos bois: isso é racismo, aquilo é injustiça, aquilo outro é misoginia e por aí vai. Outro dia e a calçada com o buraco cada vez maior e maior. O homem é bicho que se adapta, a gente aprende a contornar. Numa semana um aluno faz uma caricatura nossa e a gente se alegra, o coração ficaquentinho e na volta para casa quase nos esquecemos daquilo que se interpõe no nosso trajeto até ali. Outros trazem um chocolate, um bombom. Numa sexta reunimos os amigos para beber e celebrar a sobrevivência, o restinho de sanidade que sobrou. Fazemos piada, contamos fofoca. E no dia seguinte a mesma história: o buraco continua a crescer.

Até que, numa segunda-feira, recebemos a notícia de que uma das professoras está no hospital. Aquela moça silenciosa e sorridente com a qual você nunca conversou, mas que sempre te deixava passar na frente na fila do ponto porque sabia que você estava atrasado. Essa colega surtou, e agora não tem nem capacidade de reconhecer os próprios familiares. Na outra segunda um outro professor, aquele que tinha muito jeito com as crianças, que falava baixo e que você até sentia uma pontada de inveja do modo como ele conseguia se manter sereno naquele barulho todo. Outra segunda-feira, outra pessoa em burnout, e na outra também... São 4 pessoas em burnout nos últimos 30 dias na escola onde você trabalha. O buraco é gigantesco.

Então a sua melhor amiga não vem trabalhar. Aquela

amiga com a qual você se comunica com o olhar e que você manda mensagem no WhatsApp dizendo "amiga eu ñ aguento mais!!". Ela não veio. Na semana anterior ela teve faringite, o que nem é tão incomum para uma professora, então tudo bem. Mas depois da faringite vieram as diarreias, as taquicardias e as sudoreses. E depois ainda veio o pânico, a ansiedade. O terror de pensar em entrar em sala novamente. Aquela amiga, que te socorreu na porta do banheiro dos professores quando você teve aquela crise de choro e não conseguia sair, não vem mais, porque também teve que ser hospitalizada por burnout.

Na escola não se fala nisso. É como se as pessoas desaparecessem nesse vazio.

E então, chega a segunda-feira. A derradeira, sua, segunda-feira. Você prepara o café da manhã pensando "eu vou conseguir". Toma um banho, olha o relógio. Coloca os três pacotes de prova que ainda não terminou de corrigir dentro da bolsa e pensa "não, eu vou conseguir, sim". Olha o relógio novamente. Lembra que ainda não enviou o planejamento do mês seguinte e pensa: "vai dar tempo, eu vou conseguir". Checa se recolheu pela casa tudo aquilo de que precisa, vai até a porta. Olha o celular e vê que a coordenadora já te mandou mensagem com uma nova demanda. Vira a chave na fechadura e...

O burnout não fica na esquina, não. A borda do buraco se estende, na verdade, da porta da sua casa até o portão da escola. Não dá mais para ir trabalhar. Você não quer sair porque sabe que vai cair no mesmo lugar que os seus colegas.

Quem dera houvesse um modo de construir uma ponte.

roda de conversa:

A insanidade da escola

A Voz Rouca convida os colegas para discutir o adoecimento mental e formas de organização coletiva. Com Caroline Fanizzi, autora de "O sofrimento docente"

Quando? sábado, 02/12 às 15h

Onde? Casa do Povo (r. Três Rios, 252 - Bom Retiro)



Arrocho salarial e perseguição aos professores na rede municipal de Carapicuíba

Além de conviver com a precariedade no trabalho todos os dias, com salas de aula sem ventilação, janelas que não abrem, sem ventilador, sem sequer giz; escolas com infiltração e que inundam nos dias de chuva, os professores da rede municipal de Carapicuíba têm enfrentado arrocho salarial e perseguição contra quem luta.

O município não paga o piso nacional e, como todos os reajustes desde 2017 foram abaixo da inflação, a categoria tem ganhado cada vez menos. Para inibir qualquer esforço de mobilização, há até câmeras instaladas nas salas dos profes-



sores! Em 2022, a prefeitura conseguiu uma liminar contra uma paralisação da categoria, e se recusou a se reunir com os professores, que fizeram mesmo assim uma protesto no período da noite.

Em fevereiro de 2023, com a votação de um projeto de lei de composição salarial que não cumpria o piso para todos, a categoria se mobilizou novamente. Poucos alunos foram às escolas, e a maioria dos professores aderiu à paralisação, saindo em protesto pela manhã até a Câmara Municipal.

Em retaliação ao movimento, cerca de 54 professores foram processados e punidos com 1 a 5 dias de suspensão (até mesmo uma professora que estava de licença médica!). Os processos administrativos são claramente tendenciosos, repletos de erros e inverdades. Diante de todo esse quadro, hoje muitos colegas se encontram adoecidos, com mal-estar, e medicados.

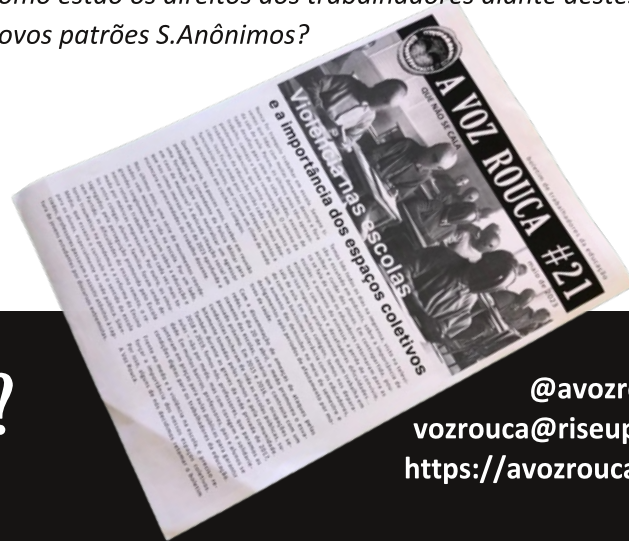
Ironicamente, o município que não paga o piso salarial e reprime seus professores é o mesmo que recebeu a maior verba do orçamento secreto e "emendas pix" dos deputados.

Após denúncias, professores das escolas do Grupo Salta recebem salários atrasados

Denunciar funciona! Em julho deste ano, o Grupo Salta – maior conglomerado de educação básica do Brasil – atrasou e errou o salário de todos os professores de escolas particulares de São Paulo e Minas Gerais. A princípio, o RH da Salta disse que demoraria mais de 10 dias para pagar os salários em plenas férias! Os professores então fizeram uma denúncia pública em diferentes, o que incomodou o CEO da empresa e fez com que esse absurdo fosse corrigido.

Se precarizam os trabalhadores é óbvio que também precarizam a educação. É preciso se organizar para denunciar e dar nome aos gestores destes conglomerados que atacam os direitos dos trabalhadores. Sua escola também foi comprada por um grande grupo empresarial? Envie seu relato!

Após alguns anos de um enorme ciclo de compras de escolas privadas de ensino básico por grandes conglomerados empresariais faz-se importante uma reflexão. Quais têm sido as consequências desse processo para a educação? O que aconteceu nas escolas vendidas? Como estão os direitos dos trabalhadores diante destes novos patrões S.Anônimos?



mas, afinal, o que é A VOZ ROUCA?

A Voz Rouca é uma iniciativa autônoma de trabalhadores da educação contra a degradação das condições de trabalho. Num cenário de compra de escolas particulares por grandes conglomerados e privatização gradual do ensino público, nos reunimos para resistir à precarização dos contratos, à imposição de tecnologias e métricas empresariais, ao aumento da vigilância sobre a sala de aula; e ao sofrimento e adoecimento.

Distribuído em salas de professores de escolas das redes públicas e do setor privado, este boletim reúne denúncias e relatos de luta e organização coletiva no dia a dia, incentivando a auto-organização para além dos sindicatos. Envie relatos de sua escola ou entre em contato para participar das reuniões!

@avozrouca
vozrouca@riseup.net
<https://avozrouca.org>